

O coronavírus está reescrevendo nossa imaginação - Resumo por Amanda Rossi

O que parecia impossível se tornou imaginável. A primavera de 2020 sugere o quanto, e quão rapidamente, nós podemos mudar como civilização.

Publicado em 1 de maio de 2020

RESUMO EM PORTUGUÊS:

O crítico Raymond Williams escreveu uma vez que todo período histórico tem sua própria “estrutura de pensamento”. A forma que as coisas eram nos anos 1960, o jeito que as pessoas na Era Vitoriana compreendiam umas às outras, os cavaleiros da Idade Média, a visão de mundo da dinastia Tang na China: cada período, pensou Williams, teve uma forma distinta de organizar as emoções humanas básicas em um sistema cultural abrangente. Cada um tinha sua própria maneira de experimentar a vida.

Em meados de março, em uma era anterior, eu passei uma semana fazendo rafting no Grand Canyon. Quando eu iniciei a viagem, os Estados Unidos estavam começando a lutar com a realidade da pandemia de coronavírus. A Itália estava sofrendo; a NBA havia acabado de suspender a temporada; Tom Hanks estava doente. Quando eu voltei, em 19 de março, era um mundo diferente. Eu passei minha vida escrevendo romances de ficção científica que tentam transmitir a estranheza do futuro. Mesmo assim, fiquei chocado como tudo mudou e tão rapidamente.

Escolas e fronteiras haviam fechado; o governo da Califórnia, assim como os governos de todos os lugares, haviam pedido para as pessoas ficarem em casa. Mas a mudança que mais me impactou pareceu mais abstrata e interna. Era uma mudança na forma que olhamos para as coisas, e ainda está acontecendo. O vírus está reescrevendo nossa imaginação. O que parecia impossível se tornou imaginável. Estamos obtendo uma nova percepção sobre nosso lugar na história. Nós sabemos que estamos entrando em um novo mundo, uma nova era. Parece que nós estamos caminhando para uma nova estrutura de sentimentos.

De muitas maneiras, estamos atrasados para essa mudança. Nos nossos sentimentos, estamos atrás do tempo em que vivemos. O Antropoceno, a Grande Aceleração, a era da mudança climática - como quer que você queira chamar, nós estamos fora de sintonia com a biosfera, desperdiçando a esperança das nossas crianças por uma vida normal, queimando nosso capital ecológico como se fosse um ganho dispensável, destruindo nossa única casa de formas que em breve irão muito além da capacidade dos nossos descendentes consertarem. E, ainda assim,

estamos agindo como se fosse os anos 2000, ou 1990 - como se os arranjos neoliberais construídos naquela época ainda fizessem sentido. Nós estávamos paralisados, vivendo o mundo sem senti-lo.

Agora, de repente, estamos agindo rapidamente como uma civilização. Estamos tentando, apesar de muitos obstáculos, “achatar a curva” - evitar mortes em massa. Na verdade, já estamos vivendo um momento histórico. Nas últimas décadas, nós fomos chamados a agir, e temos agido de uma maneira que será lembrada pelos nossos descendentes. Nós sabemos que nossa acidental alteração da atmosfera está nos guiando para uma extinção em massa e que nós precisamos nos mover rapidamente para escapar disso. Mas nós não agimos com base no que sabemos. Nós não queremos mudar nossos hábitos. O saber-mas-não-agir é parte da velha estrutura de sentimento. Agora surge essa doença que pode matar qualquer um no planeta. E é invisível; se espalha por causa da forma que nos movimentamos e nos congregamos. Instantaneamente, nós mudamos. Estamos aprendendo, como sociedade, a confiar na nossa ciência. Essa é outra parte da nova estrutura de sentimento.

Essa é a primeira de muitas calamidades que devem ocorrer neste século. A partir de agora, quando elas ocorrerem, nós estaremos familiarizados com a sensação. Que choques podem ocorrer? Todo mundo sabe de tudo. Lembra quando Cape Town quase ficou sem água [adendo da tradutora: lembra quando São Paulo também quase ficou sem água]? É muito provável que haverá outros episódios de falta de água. E falta de comida, eletricidade, tempestades devastadoras, secas, enchentes. Essas são coisas que já conhecemos. Elas fermentam na situação que já criamos, em parte por ignorarmos os alertas que os cientistas estão anunciando desde os anos 1960. Agora imagine uma onda de calor tão forte que possa matar qualquer pessoa que não tenha um ar condicionado, então imagine estações elétricas entrando em colapso. Imagine pandemias mais mortais que o coronavírus. Esses eventos são mais fáceis de imaginar agora, do que em janeiro, quando a realidade atual pareceria ficção científica.

A história humana é imprevisível. A partir de agora, nós poderemos caminhar para a extinção em massa ou para uma era de prosperidade geral. Essa variedade radical de possibilidades, boas e ruins, que cria uma profunda sensação de desorientação; essa tentativa de conscientização sobre o que está por vir - tudo isso também são sentimentos do nosso tempo. Todos nós tendemos a nos esquecer da morte. Então, a pandemia traz esse senso de pânico; todos vamos morrer, é claro, mas talvez vamos morrer este mês! É diferente. Você, em parte, se acostuma com isso, mas não totalmente. A mistura de medo e apreensão e normalidade é a sensação da peste à solta. Isso também pode fazer parte da nossa nova estrutura de sentimento.

“Achate a curva.” Agora, estamos nos confrontando com uma versão em miniatura da tragédia do “horizonte de tempo”. Nós decidimos nos sacrificar nos próximos meses para que, no

futuro, as pessoas não sofram tanto quanto sofreriam se não fizéssemos isso. Nesse caso, o horizonte de tempo é tão curto que nós somos as pessoas do futuro. É mais difícil lidar com o fato de que estamos vivendo uma crise de longo prazo que não vai acabar no nosso tempo de vida. Mas é significativo notar que, todos juntos, somos capazes de aprender a expandir o nosso cuidado além do horizonte de tempo. Haverá uma grande pressão para esquecer o que estamos passando com a pandemia e para voltar à velha forma de viver a vida. Mas esquecer algo assim nunca funciona. Nós vamos nos lembrar desse momento, mesmo quando fingirmos que não. O agora é sugestivo de quanto e quão rápido nós podemos mudar. É como o soar de um apito no início de uma corrida. Lá vamos nós, para um novo tempo.